



Mitfreude: o projeto nietzscheano de uma “ética da amizade” em *Humano, demasiado humano*¹

Mitfreude: le projet nietzschéen d’une “éthique de l’amitié” dans Choses humaines, trop humaines

Olivier Ponton

Pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

Resumo

O presente artigo pretende mostrar a formulação do projeto nietzscheano de uma “ética da amizade” no período de *Humano, demasiado humano*, a partir do conceito de “alegria partilhada” [*Mitfreunde*], por meio do qual Nietzsche se confronta com a moral da compaixão schopenhaueriana. Tal confronto, que se estende durante todas as obras do chamado segundo período, atingindo até mesmo o Zaratustra, desemboca na formulação de uma possível “ética da amizade”.

Palavras-chave: Alegria. Compaixão. Amizade. Ética.

Resumé

Cet article vise à montrer la formulation du projet nietzschéen d’une “éthique de l’amitié” au cours de la période de Humain, trop humain, de la notion de “joie partagée” [Mitfreunde], par lequel Nietzsche confronte le moral de la compassion de Schopenhauer. Cette confrontation, qui s’étend sur toutes

¹ Trad. de Jelson R. de Oliveira (PUCPR) e Ernani Chaves (UFPA). Para as obras publicadas, usamos aqui as traduções de Paulo César de Souza, publicadas pela Companhia das Letras; para *Assim falou Zaratustra*, usamos a tradução de Mário da Silva (Civilização Brasileira, 2006). Os trechos da correspondência e dos fragmentos póstumos foram traduzidos a partir do original alemão.

les œuvres de la seconde période, atteignant même Zarathustra, conduit à formuler une possible "l'éthique de l'amitié".

Mots-clés: Bonheur. Compassion. Amitié. Éthique.

Introdução

Desde 1875 pode-se encontrar na correspondência de Nietzsche alusões a uma definição de amizade como partilha da alegria. Esta definição conduz rapidamente ao projeto de uma verdadeira ética: “ética da amizade” e da “alegria partilhada” [*Mitfreude*], pela qual Nietzsche propõe completar e posteriormente substituir a “ética da compaixão”, sobre a qual repousa o cristianismo e o pessimismo schopenhaueriano. Dialogando com Schopenhauer, mas também com Wagner e Paul Rée, Nietzsche elabora, pouco a pouco, uma concepção original da *Mitfreude*, o que lhe permite se distanciar de forma cada vez mais explícita da influência de Schopenhauer. Pode-se acompanhar a evolução dessa concepção desde as cartas de 1875 aos aforismos de *Humano, demasiado humano*, passando pelos fragmentos de 1876-1877 – mas também nos textos posteriores: notadamente *A Gaíia Ciência* e o primeiro livro de *Assim falou Zaratustra*.²

² Não tratarei aqui do tema da amizade em geral, mas somente da amizade como “ética” e na medida em que Nietzsche a associa à “alegria partilhada” [*Mitfreude*]. Este é um tema essencial em toda a obra de Nietzsche, em particular no período de 1875-1879. Prova disso é o *Hino à amizade*, uma primeira versão que Nietzsche termina durante as férias do Natal de 1875-1876 (e que será retomada em 1882 e depois em 1887) ou o *Epílogo poético* que ele escreve em 1882, retomando em 1884 e acrescentando em 1886 a *Humano, demasiado humano*. “Entre amigos”. Nietzsche também evoca, sem nomeá-la, na primeira estrofe desse poema, a *Mitfreude* entre amigos: “É belo guardar silêncio juntos/ Ainda mais belo sorrir juntos –/ Sob a tenda do céu de seda/ Encostado ao musgo da faixa/ Dar boas risadas com os amigos/ Os dentes brancos mostrando”. O fragmento 31[9] do verão de 1878 (KSA VIII, p. 559) é, também ele, consagrado ao prazer partilhado entre amigos: “*Amigos*, estamos satisfeitos um com o outro como as plantas frescas da natureza e guardamos respeito entre nós: assim, como árvores, crescemos lado a lado e, exatamente por isso, bem alto e reto, porque justamente cada um ajuda o outro a se elevar”. Cf. também o título que Nietzsche, por um momento, pensa em dar a seu novo livro: “O andarilho a seus amigos / por FN.” (KSA VIII, p. 490), ou o fragmento 22 [2] de 1877 (KSA VIII, p. 379): “Aos amigos, saúde e dedicação”. Cf. ainda o fragmento 22 [68] de 1877 (KSA VIII, p. 390): “AMIGOS. / Vocês me acreditam só – acolhei então o companheiro da solidão”. Acrescento ainda que Nietzsche reflete também, em 1876-1877, sobre a concepção aristotélica da amizade cf. fragmento póstumo 21 [26] (KSA VIII, p. 371) e sobretudo o 23 [106], de 1876-1877 (KSA VIII, p. 441) e sobre a amizade tal como os Antigos a concebiam, ou seja, como “problema filosófico” (cf. A, 354 e a carta de 11 de abril de 1879 a Franz Overbeck – KSB 5, p. 405). Sobre a amizade em geral, cf. entre outros A, 305, 327, 352, 368, 376, 378, 390, 559; OS, 252, 260, 263; os fragmentos 27 [95] de 1878 (KSA VIII, p. 502) e 32 [12] de 1878 (KSA VIII, p. 561) ou a carta de julho de 1878 (KSB 5, p. 339) a Carl Fuchs, na qual Nietzsche evoca seu projeto de publicar uma “Crônica dos amigos” (*Jahrbuch der Freunde*).

O tema da *Mitfreunde* em Nietzsche

É negativamente que o tema da *Mitfreunde*, da “alegria partilhada”, surge na correspondência de Nietzsche em 1875. Ele descobre nesse momento, enquanto “a doença ganha terreno”, como escreve Curt Paul Janz (1984, p. 61-91), que ela invade sua existência e que é muito mais difícil, quando se está doente, pensar nos outros, escrever-lhes e imaginar dar-lhes prazer. Nietzsche evoca essa dificuldade principalmente numa carta a Malwida von Meysenbug, de agosto de 1875:

Não é a ingratidão, mas a necessidade, que me emudeceu há tanto tempo, creia-me. Não conheço nada melhor para pensar, a não ser como, nos últimos anos, tornei-me mais rico em amor; e então é sempre vosso nome e vossos sentimentos fiéis e profundos que me vêm primeiro à mente. Se a possibilidade e mesmo a crença de dar alegria aos que me amam vier a me faltar, então eu me sentirei mais pobre e mais despossuído do que nunca – e esta era a minha situação. Graças a minha saúde, estava tão desesperadamente desanimado, que acreditei que deveria então me humilhar [*unter-ducken*] e, como num dia quente e opressivo, pesado e abafado, fugir sorrateiro. Depois, todos os meus planos se modificaram e sempre, nos meus pensamentos, algo dolorosamente me arrepiava: teus amigos esperam o melhor de ti, eles devem perder as esperanças e nada pagar por sua fidelidade. – A senhora conhece esse estado? (KSB 5, p. 103).

O que faz da vida um “fardo” insuportável é que a doença provoca uma modificação de todos os “planos” e torna alguém incapaz de “dar alegria” a quem se ama.³ A doença engendra o egoísmo, e já que o doente é forçado a pensar apenas em si mesmo, porque não pode mais pensar a não ser no alívio de seu sofrimento, não pode mais dar prazer a seus amigos – ele não pode mais, portanto, assumir a exigência fundamental

³ Cf. o posterior cartão postal, de 21 de dezembro de 1878 (KSB 5, p. 373), a Franziska e Elisabeth Nietzsche: “uma doença causa pouca alegria e muita miséria”. Reciprocamente, um doente exige que se lhe dê alegria – cf. carta de 18 de janeiro de 1876 a Carl von Gersdorff: “devo sempre mais procurar a minha felicidade na felicidade de meus amigos” (KSB 5, p. 131); cf. também uma carta de janeiro de 1879 a Louis Kelterborn: “você me deu minha primeira alegria do novo ano [...]. Eu estava acamado, doente, atormentado pela dor, e *tinha necessidade* de me alegrar” (KSB 5, p. 381).

de toda amizade.⁴ Jogando com as palavras e a etimologia, Nietzsche define, em 1876, o amigo [*Freund*] pela alegria [*Freude*] partilhada: “Freunde von ‘Mitfreunde’, Mitfreude höher als Mitleid” (“‘Amigo’ vem de ‘aqueles que partilham a alegria’, a alegria partilhada é superior à compaixão”).⁵ Nietzsche se recorda talvez aqui dos “dias de confiança, de serenidade, de sublimes acasos” que ele passa na companhia de Wagner (EH, Porque sou tão sábio 5) – mas ele pensa também em seu velho amigo Carl von Gersdorff, com quem, depois de Pforta, partilhou tantas coisas, e a quem ele escreveu em dezembro de 1875:

Velho e fiel amigo Gersdorff, temos, creio eu, partilhado até o presente uma boa parte de nossa juventude, experiência, educação, inclinação, ódio, aspiração, esperança, sabemos que nos alegramos um ao outro de coração, simplesmente por sentarmos juntos, creio que não precisamos prometer nem jurar nada um ao outro, porque temos, entre nós, uma confiança boa e justa. Tu me ajudas, quando podes, e sei disso por experiência; e, sobretudo, naquilo que me alegra, penso “como Gersdorff se alegraria com isso!”. Pois, para te dizer tudo, tens a grandiosa

⁴ Cf. a carta a Wagner, de 24 de maio de 1875 (KSB 5, p. 56): “é por estar doente, e pelo egoísmo que espereita na doença, que somos obrigados a sempre pensar em nós mesmos: enquanto o gênio, na plenitude de sua saúde, pensa apenas nos outros, abençoando e curando involuntariamente, onde apenas ele pousa a mão. Todo homem doente é um malfeitor, li recentemente”. Cf. a carta a Paul Rée, de 20 de outubro de 1878 (KSB 5, p. 356). Cf. também *Assim falou Zaratustra*, I, “Da virtude dadivosa”: “Outro egoísmo existe, por demais pobre, faminto, que quer sempre roubar, este egoísmo dos doentes, este egoísmo doente”.

⁵ Essa nota se encontra no manuscrito N II 1, p. 205, citado por Mazzino Montinari, em KGW IV/4, p. 424, nota ao fragmento 19 [9] de 1876. Sobre o paralelo entre *Mitleid* e *Mitfreude*, cf. a observação de Heinrich Köselitz, na carta de primeiro de outubro de 1879: “Uma outra observação: sobre a *alegria partilhada* e a *compaixão* [*Mitfreude et Mitleid*]; estas duas palavras são formadas de maneira análoga; mas sua correspondência não provém da analogia da oposição. O compassivo [*der Mitleidende*] sofre ao representar a si mesmo o sofrimento que o outro suporta; o compassivo não pode compreender por simpatia, de nenhuma maneira, o sofrimento daquele que dele se compadece, seu sentimento é totalmente diferente. Ao contrário, a *alegria partilhada* [*Mitfreude*] não tem absolutamente nada de análogo. A *alegria partilhada* é exatamente da mesma maneira que a *alegria primitiva*” (KSB 5, p. 475). Dito de outra forma: só a *Mitfreude* é uma partilha verdadeira, já que a “alegria partilhada” é semelhante à “alegria primitiva” – na compaixão, ao contrário, a “dor partilhada” não tem nada a ver com a dor primitiva: o compassivo não sofre do mesmo sofrimento que aquele pelo qual se tem compaixão. Nietzsche não retorna a essa observação – sem dúvida por respeitar o “programa de ausência de pensamento” que ele fixara então para si: cf. a resposta que ele dá, em 5 de outubro de 1879 (KSB 5, p. 376), a essa carta de Köselitz.

capacidade para *partilbar alegria* [*zur Mitfreude*]; penso que essa capacidade é ainda mais rara e mais nobre do que a da compaixão [*des Mitleidens*] (KSB 5, p. 129).

É, portanto “de experiência”, como ele mesmo diz nessa passagem, que Nietzsche define a amizade como “alegria partilhada”, e que ele a coloca acima da compaixão (*Mitleid*, literalmente: “sofrimento partilhado”). O mesmo tema se encontra, aliás, dois meses mais tarde, numa carta de Nietzsche a outro velho amigo, Erwin Rohde:

Caro amigo, que o céu seja louvado pelo fato de que enfim, pelo menos uma vez, encaminho algo de teu agrado! Talvez a tempestade já tenha passado e o sol brilhe novamente sobre ti para consolar, fazer bem, aí onde ninguém saberia ter ajudar. Ah, a impotência dos teus amigos! É nos que sempre fomos condenados à compaixão *sofredora*! E que eu próprio, por isso, fui reduzido ao silêncio, mesmo ainda agora, onde finalmente, pelo menos uma vez, a alegria partilhada pode se expressar! – Minha cabeça permanece ruim, não posso ler nem escrever e desde a semana passada abandonei todas as minhas aulas (KSB 5, p. 135).

Nietzsche retoma aqui a oposição *Mitleid*/*Mitfreude* e define o amigo como aquele que partilha o sofrimento, mas sobretudo como aquele que partilha a alegria.⁶ O mais difícil para um amigo, como diz Nietzsche nessa carta, é ser “reduzido ao silêncio”, ou seja, não poder exprimir (portanto partilhar) seu sofrimento e sua alegria. Nietzsche faz alusão aqui à sua enfermidade, que lhe impede de ler e de escrever, ou seja, de se corresponder a distância com seus amigos. A “impotência” da qual fala Nietzsche é aquela do doente que não pode mais satisfazer a exigência elementar de toda amizade: a partilha do sofrimento e, sobretudo, a partilha da alegria. É este o “estado” que descreve Nietzsche na sua carta a Malwida von Meysenbug de 11 de agosto de 1875.⁷

⁶ Cf. também o cartão postal que Nietzsche escreve em 6 de abril de 1879 a Maria Baumgartner, no qual ela é qualificada de “amiga *partilhadora de alegria* [*mitfreuende Freundin*]” (KSB 5, p. 404).

⁷ Sobre essa impotência do amigo doente, cf. também a carta de 4 de janeiro de 1878 a Reinhart von Seydlitz: “Vós sois tão bom, caro, caro amigo, com vossos votos e vossas promessas, e eu estou agora tão pobre. Cada uma de vossas cartas é para mim um belo pedaço de alegria de viver [*ein schönes Stück Lebensfreude*], mas não posso vos dar nada em troca, absolutamente nada” (KSB, 5, p. 300).

Nietzsche dá em seguida a essa experiência,⁸ num fragmento de 1876, um contorno mais filosófico, fazendo de sua concepção de amizade o princípio de uma verdadeira “ética”:

Os que podem alegrar-se conosco estão mais acima e mais próximos de nós do que os que conosco se compadecem. Partilhar alegria [*Mitfreude*] faz o “amigo” [*Freund*] [o que se alegra junto, *Mitfreunder*], a compaixão faz o companheiro de sofrimento. Uma ética da compaixão precisa de um complemento por meio de uma ainda mais elevada ética da amizade (KSA VIII, p. 333).

Nietzsche critica aqui implicitamente a moral schopenhaueriana, que é uma moral do “amor puro” e da compaixão, ou seja, de um amor livre de todo egoísmo e de toda vontade pessoal. A compaixão, para Schopenhauer, como sofrimento partilhado, significa o acesso à verdade fundamental da existência, pois nós temos todos a mesma essência: a vontade cega e insaciável, que é nossa essência comum e que faz da nossa vida não mais do que um tecido de sofrimentos. A doutrina da “negação do querer-viver”, exposta no livro IV do *Mundo como vontade e como representação* é, portanto, uma “ética da compaixão”:

Se aquele véu de Maia, o *principium individuationis*, é de tal maneira retirado aos olhos de um homem que este não faz diferença egoística entre a sua pessoa e a de outrem, no entanto compartilha em tal intensidade dos sofrimentos

⁸ Sobre o tema da amizade e da partilha da alegria, recorrente na correspondência de Nietzsche nesse período, cf. o conselho que Nietzsche dá a Erwin Rohde, por ocasião de seu aniversário, na carta de 7 de outubro de 1875: “Alegra-te [*Freue Dich*] uma vez com todos aqueles que te amam, quando, de ti mesmo, não sabes, senão, sugar sofrimento [*Leid*] e melancolia” (KSB 5, p. 118). Cf. também a carta a Cosima Wagner que Nietzsche envia, no início de julho de 1876, junto com sua quarta *Consideração extemporânea*: “Queiram considerar com bondade a tentativa que eu fiz hoje de lhes dar alegria [*eine Freude*]: por meio do envio de dois exemplares de meu último escrito. Vocês deduzirão que não consigo, numa tal solidão, da distância, me preparar para a grandeza desconhecida deste verão [Nietzsche faz alusão aqui ao primeiro festival de Bayreuth], de tal modo que possa expressar minha alegria [*meine Freude mitteilen*]. Se apenas devesse esperar, adivinhar aqui e ali, o som de vossa alegria [*Freude*] e poder me expressar junto! – Eu não poderia desejar para mim nada melhor” (KSB 5, p. 174). Acrescento que, nessa carta, Nietzsche associa frequentemente a evocação da alegria com a da amizade – e que se encontram, frequentemente, os termos *Freund* e *Freude* numa mesma frase. Cf. também a expressão da carta a Erwin Rohde, de 16 de junho de 1878 (KSB 5, p. 332): “tu poderias muito, muito te regozijar com teu amigo [*Deines Freundes freuen*]” (Nietzsche faz alusão aqui a si mesmo e ao fato de ter encontrado o seu “ideal de vida”).

alheios como se fossem os seus próprios e assim é não apenas benevolente no mais elevado grau mas está até mesmo pronto a sacrificar o próprio indivíduo tão logo muitos outros precisem ser salvos; então, daí, segue-se automaticamente que esse homem reconhece em todos os seres o próprio íntimo, o seu verdadeiro si-mesmo, e deste modo tem de considerar também os sofrimentos infindos de todos os viventes como se fossem seus: assim, toma para si mesmo as dores de todo o mundo; nenhum sofrimento lhe é estranho. Todos os tormentos alheios que vê e raramente consegue aliviar, todos os tormentos dos quais apenas sabe indiretamente, inclusive os que conhece só como possíveis, fazem efeito sobre o seu espírito como se fossem seus. Não é mais a alternância entre o bem e o mal-estar de sua pessoa o que tem diante dos olhos, como no caso do homem ainda envolvido pelo egoísmo, mas, ao ver através do *principium individuationis*, tudo lhe é igualmente próximo. Conhece o todo, apreende o seu ser e encontra o mundo entregue a um perecer constante, em esforço vão, em conflito íntimo e sofrimento contínuo. Vê, para onde olha, a humanidade e os animais sofredores. Vê um mundo que desaparece. E tudo isso lhe é agora tão próximo quanto para o egoísta a própria pessoa. Como poderia, mediante um tal conhecimento do mundo, afirmar precisamente esta vida por constantes atos da Vontade, e exatamente dessa forma atar-se cada vez mais fixamente a ela e abraçá-la cada vez mais vigorosamente? (SCHOPENHAUER, 2005, p. 481).

Encontra-se aqui o verbo *verknüpfen* pelo qual Nietzsche designa, na carta a Maria Baumgartner de 14 de julho de 1875, a arte de “ligar” sua vida, quer dizer, de manter sua diversidade e coerência orgânica. Encontra-se também a metáfora do fardo que retorna muitas vezes sob a caneta de Nietzsche no período de *Humano, demasiado humano*. Nota-se bem neste texto como a “ética da compaixão” conduz, em Schopenhauer, a uma moral da negação do querer-viver: partilhar o sofrimento dos outros remete a ter a intuição da essência do mundo, e o sofrimento partilhado, a “compaixão”, incita a não mais querer “ligar” sua vida – e mesmo a não mais querer se “ligar” à vida mesma. Nietzsche opõe a essa doutrina uma “ética da amizade”, que consiste ao contrário, em se “ligar” aos outros, à vida e a si mesmo, partilhando não mais o sofrimento, mas a “alegria”. Essa ética deve, pois, conduzir não mais para a negação, mas para a afirmação do querer-viver e para o desejo de carregar sempre com mais alegria o fardo

da vida. Nietzsche não propõe, ainda, porém, substituir, mas completar a “ética da compaixão” com uma “ética da amizade” – ele fala de *Ergänzung* (“suplemento”, “complemento”): é preciso partilhar o sofrimento dos outros, mas é ainda mais importante partilhar a alegria.⁹ Nietzsche não afirma, porém, que a vida seja apenas alegria, mas ele se opõe à ideia schopenhaueriana segundo a qual o sofrimento seria o fundo de toda a vida¹⁰ e sustenta que a alegria partilhada é superior à dor partilhada, pois ela não convida à negação, mas à afirmação do querer-viver. Trata-se, assim, para Nietzsche, de afirmar o todo da vida, com sua porção de sofrimento e de prazer. É para tal afirmação que Nietzsche prepara sua “ética da amizade”, para esse ultrapassamento da moral schopenhaueriana e para cumprir o desejo que ele tem, desde 1875-1876, de inventar e de praticar uma ética da afirmação do querer-viver, a qual se contrapõe doravante à doença de Nietzsche, que o torna incapaz de fazer o bem aos outros e faz com que a amizade lhe seja ainda mais difícil.

É interessante comparar essas análises àquelas que Paul Rée, no mesmo momento, escreve em seu segundo livro *Da origem dos sentimentos morais*, que será publicado em 1877 e no qual trata, ele também, da compaixão e da “alegria partilhada” (particularmente no primeiro capítulo, “Da origem dos conceitos de ‘bom’ e ‘mau’”). Inspirando-se em Schopenhauer (e em Nietzsche), Rée opõe o “instinto egoísta”, que se exprime principalmente na inveja e na “alegria de prejudicar” [*Schadenfreude*], ao “instinto não egoísta”, que se exprime na “alegria partilhada” [*Mitfreude*] e na “compaixão” [*Mitleid*]. A tese de Paul Rée é a seguinte: “Como [...] este instinto não egoísta é mais fraco na maior parte dos homens do que o instinto egoísta, então essa alegria partilhada [*Mitfreude*] é muitas vezes contrariada pela inveja, e a compaixão [contrariada] pelo prazer de prejudicar

⁹ Sobre o tema de uma complementaridade entre a “ética da compaixão” e a “ética da amizade” e sobre a ideia de que, na amizade, a partilha da alegria pode ser adicionada à partilha do sofrimento, como um “suplemento” mais nobre e mais raro, cf. carta de 26 de maio de 1876 a Carl von Gersdorff, na qual Nietzsche evoca os sofrimentos de Leopold Rau, o ilustrador que desenha a vinheta de abertura da primeira edição de *O Nascimento da Tragédia* (um Prometeu libertado de seus grilhões), e que estava gravemente adoentado: “Pobre Raul! – Todos devemos aprender a crer, por vezes, na ausência do valor da vida, cada um recebe uma espécie de ferida mortal. Penso como posso dar-lhe uma pequena alegria [*eine kleine Freude*], como sinal de minha grande compaixão [*Mitleides*]” (KSB 5, p. 162). A alegria partilhada, a *Mitfreude* é aqui a expressão da compaixão.

¹⁰ Cf. o § 56 do *Mundo como vontade e como representação* (SCHOPENHAUER, 2005, p. 397)

[*Schadenfreude*]” (RÉE, 1982, p. 82). Se nós chamamos “bom” o instinto não egoísta e “mau” o instinto egoísta, não é porque esses instintos sejam bons ou maus por natureza, mas porque a inveja e a “alegria de prejudicar” são nocivas, enquanto a “alegria partilhada” e a compaixão são úteis (o que fomos acostumados a sentir sem recebermos meios para entendê-lo e justificá-lo¹¹). Rée se inscreve, portanto, na esteira de Schopenhauer: opondo a compaixão à alegria de prejudicar e a alegria partilhada à inveja, ele opõe essencialmente o não egoísmo ao egoísmo, como Schopenhauer opôs o *agapè* ao *eros*, o “amor puro” à vontade. Quanto a Nietzsche, ele rompe com a perspectiva schopenhauriana: ele não opõe mais a “alegria partilhada” à “inveja” (da qual faz, aliás, o elogio nos gregos), mas a compara à “compaixão”, a outra forma de instinto não egoísta descrito por Paul Rée. O que é destacado por Nietzsche não é, como para Paul Rée, o sufixo *Mit-* de *Mitleid* e de *Mitfreude*, ou seja aquilo que faz com que a alegria e a dor sejam partilhadas, voltadas para outrem e “úteis”, mas o substantivo *Leid* ou *Freude*, ou seja, o sentimento que é partilhado. O que conta não é que um sentimento seja partilhado, mas que este seja de alegria ao invés de dor. Nietzsche se reapropria então da terminologia forjada por Paul Rée, mas a rearranja e a reinterpreta completamente: a análise da *Mitfreude* não é mais para Nietzsche uma maneira de prolongar ou de completar a doutrina de Schopenhauer, mas um verdadeiro instrumento de crítica e de superação da moral schopenhaueriana.

Pode-se encontrar essa visão da amizade e essa ultrapassagem da moral schopenhaueriana em todo um conjunto de textos de 1875-1880. Primeiro o aforismo 499 de *Humano, demasiado humano*: “*Mitfreude, nicht Mitleiden, macht den Freund*” (literalmente: “é a alegria partilhada, e não a dor partilhada, que faz o amigo”). Encontra-se também o lema da “ética” fundada sobre essa concepção da amizade no fragmento 16 [13] de 1876: “Cada dia fazer uma alegria [*Freude*] – “amigo [*Freund*]” (KSA VIII, p. 290). Este já era o lema de Nietzsche em 1875, como testemunha uma carta de março de 1875 a Malwida von Meysenbug:

Eu desejaria poder fazer, cotidianamente, algo de bom por outras pessoas. Neste outono me propus começar toda manhã me perguntando: não há ninguém por quem tu poderias, hoje, fazer algo de bom? De vez em quando, felizmente, encontra-se (KSB 5, p. 36).

¹¹ Nietzsche retoma essa ideia ao analisar a “tradição” em *Aurora*.

Nietzsche reafirma enfim esse “voto” e essa “ética da amizade” no aforismo 589 de *Humano, demasiado humano*, intitulado “O primeiro pensamento do dia”:

A melhor maneira de começar o dia é, ao acordar, imaginar se nesse dia não podemos dar alegria a pelo menos uma pessoa. Se isso pudesse valer como substituto do hábito religioso da oração, nossos semelhantes lucrariam com tal mudança (HH I, 589).

Não se trata ainda para Nietzsche de ter “prazer com o humano”¹² como será discutido na época de *Aurora*, mas ao inverso, de dar prazer aos homens. Quando se reza, se faz apelo à compaixão, à “misericórdia” de Deus. Nietzsche não propõe mais aqui um “complemento” [*Ergänzung*], mas uma substituição [*Ersatz*] dessa ética da oração e da compaixão, por uma “ética da amizade” e da alegria partilhada: Nietzsche dá um passo à frente em relação ao fragmento de 1876 no que diz respeito à distância que ele toma do sistema de Schopenhauer. A piedade parece doravante excluída de sua ética. Nietzsche reinterpreta assim completamente o preceito de Cristo: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. O amor ao próximo não consiste, como pensa Schopenhauer, em ter piedade dos outros e em partilhar os seus sofrimentos, mas em lhes dar prazer e em partilhar suas alegrias.

Nietzsche chega até mesmo a sugerir certa incompatibilidade psicológica entre a compaixão e a *Mitfreude*, no aforismo 321 de *Humano, demasiado humano*:

Os compassivos – As naturezas compassivas, sempre dispostas a auxiliar na desgraça, raramente são as mesmas que se alegram juntamente com as demais [*die sich Mitfreuenden*]: na felicidade alheia elas não têm o que fazer, são supérfluas, não se sentem na posse de sua superioridade, e por isso facilmente se desgostam (HH I, 321).

Contrariamente ao que pensa Paul Rée, não é a inveja que entrava a “alegria partilhada”, mas a compaixão: as “naturezas compassivas” têm o hábito de levar socorro àqueles que sofrem, portanto a agir e a se sentir

¹² Cf. o fragmento 6 [400] (KSA IX, p. 300) e a exclamação: “O romance e a observação psicológica, nascidos do prazer com o humano [*Lust am Menschen*], seja nossa parte!”

superiores – quando elas têm para partilhar, não mais a dor, mas a alegria, elas não encontram mais “nada a fazer” e não têm mais nenhum sentimento de superioridade. É por isso que é raro [*selten*] que um homem saiba partilhar, a um tempo, o sofrimento e a alegria com os outros. Em outras palavras: o projeto de dar à “ética da compaixão” o “complemento” de uma “ética da amizade”, ou seja, da *Mitfreude*, enfrenta uma espécie de inverossimilhança psicológica. Já que a “alegria partilhada” é superior à compaixão, não se trata mais de completar, mas de substituir a ética da compaixão por uma ética da *Mitfreude*.

Todas essas reflexões de Nietzsche sobre a amizade e sobre a “alegria partilhada” desembocam, dessa forma, numa verdadeira “ética”, no sentido de que se trata de transformar a si-mesmo e de cultivar um homem novo, ou melhor, um novo “caráter” – caráter que Nietzsche, no aforismo 614 de *Humano, demasiado humano*, atribui aos “homens antecipatórios” [*vorwegnehmende Menschen*] e opõe ao “caráter desagradável” dos homens “atrasados”:

Um outro caráter, que prontamente partilha da alegria [*an Mitfreude*] alheia, que conquista amizades em toda parte, que tem afeição pelo que cresce e vem a ser, que tem prazer com as honras e sucessos de outros e não reivindica o privilégio de sozinho conhecer a verdade, mas é pleno de uma modesta desconfiança – este é um homem antecipador, que se move rumo a uma superior cultura humana. O caráter desagradável procede de um tempo em que os toscos fundamentos das relações humanas estavam por ser construídos; o outro vive nos andares superiores destas relações, o mais afastado possível do animal selvagem que encerrado nos porões, sob os fundamentos da cultura, uiva e esbraveja (HH I, 614).

A *Mitfreude* aqui não designa mais somente o amigo, mas o “homem que antecipa” e “conquista amizades em toda parte”. Ela testemunha uma existência mais livre e mais alta, de uma vida que se opõe àquela da “besta selvagem”, “encerrada nos porões”. A “ética da amizade” se revela como uma verdadeira “via de liberdade do espírito” e os amigos, partilhando sua alegria, se tornam uma figura dos “espíritos livres” para os quais *Humano, demasiado humano* é dedicado. Mais radicalmente ainda, a *Mitfreude* é o que distingue o homem e as “coisas humanas” do animal – Nietzsche retoma essa ideia no aforismo 62 de *Opiniões e sentenças diversas*, intitulado, precisamente, “Mitfreude”:

A serpente que nos pica pensa nos fazer mal, e se alegra com isso; o animal baixo pode imaginar a dor alheia. Mas imaginar a alegria alheia e alegrar-se nisso é o mais alto privilégio dos animais elevados e, entre eles, acessível apenas aos mais seletos exemplares – portanto, um raro *humanum* [atributo humano]; de modo que houve filósofos que negaram a partilha da alegria [*Mitfreude*] (OS, 62)

Não somente a *Mitfreude*, ou seja, a alegria que se tem ao se representar a alegria de outro, é o que distingue o homem do animal, mas é ela ainda que distingue os homens superiores do comum dos mortais. Se se coloca esse aforismo no contexto da “ética da amizade” que Nietzsche se esforça em definir desde 1875-1876, é preciso dizer que a amizade verdadeira é reservada aos homens verdadeiros, ou seja, aos “seletos exemplares” que são os espíritos livres.

É significativo, além disso, que se encontre essa ideia de uma ética da *Mitfreude* durante todo o período do “livre pensamento” (a *Freigeisterei*) de Nietzsche, ou seja, de 1876 a 1882. Nietzsche se esforça assim, num fragmento de 1880, em retomar e desenvolver o tema, adiantado desde 1876, de uma ética da alegria partilhada que seria como o “complemento” de uma ética da compaixão:

A simpatia [*Mitgefühl*] cresce quando seu resultado preponderante são sensações alegres; decresce, se com isso se produz mais dor que alegria. Durante a permanente contemplação dos sofredores, há um declínio constante da compaixão [*Mitleid*], mas nos tornamos mais sensíveis em relação ao sofrimento alheio, quanto mais se partilha a alegria [*Mitfreude*]. – As pessoas mais compassivas são aquelas que têm mais alegria interior, tudo o que lhes é contraditório, dói; pessoas infelizes e de guerra são duras (KSA IX, p. 69).

Nietzsche não fala aqui de amizade, mas de “simpatia” [*Mitgefühl*], que significa literalmente “sentimento partilhado”. Assim, o sentimento partilhado pode ser de dor ou de alegria, mas para que ele seja verdadeiramente partilhado, é preciso que a alegria seja partilhada. Se a “ética da compaixão” deve ser completada por uma “ética da amizade”, ou seja, da alegria partilhada, como nota Nietzsche em 1876, é porque a compaixão não pode prescindir da *Mitfreude*: não se pode partilhar por longo tempo os sofrimentos de

outrem, e se partilha cada vez menos se não se partilha também a alegria. Não há, portanto, compaixão verdadeira [*Mitleid*] entre os homens e, mais genericamente, sentimentos partilhados [*Mitgeföh*] salvo se existir entre eles a alegria partilhada [*Mitfreude*].

Num outro fragmento de 1880, Nietzsche não reflete mais sobre a complementaridade, mas, como no aforismo 589 de *Humano, demasiado humano*, sobre a oposição entre a alegria partilhada e a compaixão:

Os filósofos vêm na compaixão, como em todo perder-se em um *um afeto nocivo*, uma fraqueza. Ela aumenta o sofrimento no mundo: mesmo se indiretamente <ela> suavize um sofrimento, este resultado NÃO pode justificá-la no seu ser! Supondo que ela DOMINE: a humanidade pereceria imediatamente. Ao contrário, a alegria partilhada [*die Mitfreude*] aumenta a força do mundo. A alegria no indivíduo, aquele mesmo que a mantém elevada, seja o que for que lhe aconteça, é um pensamento muito nobre. Deve-se ajudar, para se poder novamente partilhar a alegria (*mitfreuen*) – mas conter sua alma um longo tempo e permencer frio, de tal modo que ela não seja afinetada pela desgraça: como o bom médico (KSA IX, p. 377).

Nietzsche apresenta bem aqui a *Mitfreude* como uma ética, uma verdadeira ascese: “é preciso manter a alma fria e contida” – ascese que consiste em não se deixar contaminar pelo sofrimento suscitado pela “compaixão”. E essa ética tem para Nietzsche, como em 1878, uma dimensão cultural e antropológica – quase cosmológica: é o porvir da humanidade e do mundo, da “força do mundo” que está em jogo.¹³ Nietzsche deduz disso uma consequência paradoxal: “Seria preciso partilhar a alegria dos nossos inimigos quando se alegram com a nossa desgraça” (KSA IX, p. 378) – e gozar assim da alegria da serpente que, no aforismo 62 de *Opiniões e sentenças diversas*, têm prazer em nos morder.¹⁴ A lógica da *Mitfreude* deve então ser

¹³ Como a *Mitfreude* aumenta a força do mundo, os amigos são “aqueles que *embelezam o mundo*” (KSA X, p. 526).

¹⁴ Cf. o discurso de Zaratustra intitulado “Da mordida da víbora”, no qual se encontra um eco, a um tempo, do aforismo 62 de “Opiniões e sentenças diversas” e do fragmento 7 [286] de 1880 (KSA IX, p. 378): Zaratustra não devolve à víbora que o mordeu e que pensa ter-lhe feito mal, nem um mal nem um bem (isso seria lhe provocar uma vergonha), mas ele prova que ela lhe “fez um bem” (a mordida lhe revelou um bom momento). Enquanto a víbora não tem como se representar o mal que provoca ao morder Zaratustra, este consegue lhe ensinar a reinterpretar essa mordida, partilhando com ela a alegria de ter acordado a tempo.

levada até sua consequência última e paradoxal, ou seja, até a partilha de toda alegria, o que compreende aquela que nossos inimigos têm em nos ver sofrer, não por masoquismo, mas para o bem do porvir do homem: a alegria partilhada, que “aumenta a força do mundo”, não é mais, como em 1876, o “complemento” da compaixão, mas aquela da crueldade e da inimizade. Radicalizando, a “ética da amizade” faz a “ética da compaixão”, da qual ela era inicialmente o “complemento”, cair sobre si mesma completamente: Nietzsche se opõe assim de forma decisiva ao sistema de Schopenhauer.

Essa radicalização prossegue ainda na época de *A Gaia Ciência*, na qual a “ética da amizade” de 1876 desemboca paradoxalmente numa “moral” elitista e “individual”:

E, silenciando aqui alguma coisa, não quero silenciar minha moral, que me fala: Viva retirado, para que *possa* viver para si! Viva na *ignorância* daquilo que seu tempo considera mais importante! Ponha, entre você e o hoje, uma pele de ao menos três séculos! E a gritaria de hoje, o barulho das guerras e revoluções, não deve ser mais que um murmúrio para você! Você também quererá ajudar: mas apenas aqueles cuja miséria compreende inteiramente, pois têm com você uma dor e uma esperança comum – os seus *amigos*: e apenas do modo como você ajuda a si mesmo: - eu quero fazê-los mais corajosos, mais resistentes, mais simples, mais alegres! Eu quero ensinar-lhes o que agora tão poucos entendem, e os pregadores da compaixão menos que todos: - a partilha da alegria [*die Mitfreude*]! (GC, 338).

Nessa passagem, Nietzsche retoma a análise do fragmento 7 [185] de 1880 (KSA X, p. 355), ao mesmo tempo que o introduz mais explicitamente na problemática da “ética da amizade”: encontra-se assim a definição da amizade como *Mitfreude* e a oposição de duas morais, uma da compaixão e outra da alegria partilhada. Esse aforismo permite compreender como se articulam, em Nietzsche, aquilo que ele mesmo chama de “*pathos* de distância”, a paixão pela solidão, o sentido aristocrático da ordem e da hierarquia e, além disso, a necessidade de amor e de amizade, de comunidade, de partilha espiritual. Essas duas aspirações definem também essencialmente a sensibilidade nietzschiana e é na sua reunião que é preciso encontrar a “moral” de Nietzsche – reunião que se exprime de maneira especial durante toda a “*Freigeisterei*” de 1876-1882, no projeto de fundar, como diz Nietzsche numa carta de setembro de 1876, “um tipo de claustro para espíritos livres”,

no qual diferentes “educadores” poderiam partilhar sua ciência e sua alegria, sua “gaia ciência”, ao abrigo do tumulto da vida ativa.¹⁵ O velho tema da “inatualidade” do filósofo-filólogo se combina assim àquele da máscara e da solidão, para se articular ao da “ética da amizade” e da alegria partilhada.

Num fragmento de 1883, é Zaratustra que se encontra associado a esta nova moral: “Zaratustra 4. O ensinamento da *alegria partilhada* [*Mitfreude*]” (KSA X, p. 479) Pode-se encontrar este “ensinamento”, especialmente, no discurso intitulado “*Dos compassivos*”, no qual se reencontra, reinterpretada e formulada de um modo diferente, a oposição de 1876 entre a “ética da amizade” e da alegria e a “ética da paixão”:

Desde que os homens existem, sempre o homem se alegrou pouco demais: é somente este, meus irmãos, o nosso pecado original. E, se aprendermos a alegrar-nos melhor, será este o melhor modo de desaprendermos a fazer sofrer os outros e a inventar novos sofrimentos. Por isso, lavo a minha mão que ajudou o sofredor e, por isso, limpo também a minha alma. Pois que eu visse o sofredor sofrer, disto eu me envergonhei, pela sua própria vergonha; e, quando o ajudei, atentei durante contra a sua altivez. [...] Mas eu sou dadivoso: com prazer, como amigo, presenteio os amigos [...] (ZA, *Dos compassivos*).

A amizade de Zaratustra é o “fruto” do “grande amor”, ou seja, do amor que “supera o perdão e a paixão”. O tema da *Mitfreude* toma evidentemente aqui uma proporção que não tinha em 1876, mas se vê bem como esse discurso de Zaratustra se inscreve numa perspectiva aberta sete anos antes, com o fragmento sobre a “ética da amizade”.

Considerações finais

Compreende-se melhor assim, reciprocamente, a importância dos textos de *Humano, demasiado humano* sobre a amizade e sobre a alegria partilhada: toda a “moral” de Nietzsche nasce dali, moral da afirmação de si, da luta contra a paixão e contra a degradação, moral do amor ao real e do *amor fati*. Compreende-se melhor, igualmente, a significação da carta de 11 de agosto de 1875 (KSB 5, p. 103) a Malwida von Meysenbug: se é tão

¹⁵ Cf. a carta de 24 de setembro de 1876 (KSB 5, p. 188) a Reinhart von Seydlitz.

grave para Nietzsche não poder “dar alegria” àqueles a quem ama graças à sua enfermidade, é porque toda a sua “ética” é assim posta em questão e com ela o princípio mesmo de sua existência e de seu desenvolvimento filosófico. Sua doença se opõe assim à moral da *Mitfreude* que ele se esforça para elaborar em *Humano, demasiado humano* e com a qual ele ensaia secretamente ultrapassar a moral schopenhaueriana.

Referências

- JANZ, C. P. **Nietzsche Biographie**. II. Tradução Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1984.
- NIETZSCHE, F. **Sämtliche Briefe** (KSB). Hg. von G. Colli und M. Montinari. Berlin; New York; München: Walter de Gruyter, 1986.
- NIETZSCHE, F. **Sämtliche Werke** (KSA). Hg. von G. Colli und M. Montinari. Berlin; New York; München: Walter de Gruyter, 1988.
- NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. v. 1.
- NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. v. 2.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**: Reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. 15. ed. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.
- RÉE, P. **Da origem dos sentimentos morais**. Tradução de Michel-François Demet. Paris: PUF, 1982.

Recebido: 10/10/2009

Received: 10/10/2009

Aprovado: 20/10/2009

Approved: 10/20/2009